

Heloisa Buarque de Hollanda | Entrevista

por Antonio Herculano Lopes e Joëlle Rouchou, com a colaboração de Ana Pessoa e Beatriz Resende, realizada no dia 5 de novembro de 2013, no Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro.



Outsider, mas sempre nas melhores posições da vida acadêmica, Heloisa Buarque de Hollanda está em constante reinvenção de si. Nascida em Ribeirão Preto (SP), formada em letras clássicas, é atualmente professora emérita de teoria crítica da cultura da ECO/UFRJ e coordenadora do PACC/UFRJ. Com fino senso de humor, é devota da produção cultural marginal. Se nos anos 70 se interessava pelos poetas, abraçou a luta das mulheres nos anos 80 e hoje se dedica de corpo e alma à Universidade das Quebradas, com quartel-general no MAR. Lá, promove o diálogo entre as culturas produzidas nas periferias das metrópoles e o meio acadêmico. Sua obra inclui, entre outros, Macunaíma, da literatura ao cinema; 26 poetas hoje; Impressões de viagem; O feminismo como crítica da cultura; e Escolhas, uma autobiografia intelectual.

Escritos – Como era a Helô de 68?

HBH – Era igual a todas as Marias da época. Aquele era um momento muito, muito intenso. Hoje as jovens querem ser modelo, naquela época queriam ser guerrilheiras. Eu era muito parecida com as minhas amigas, não tinha nada de especial. Em todos os sentidos, no político, no profissional. Era uma hora em que a bandeira era mudar o mundo, mudar a própria vida. Talvez no cotidiano a meta de mudar o mundo fosse até mais fácil do que mudar a vida. Porque o seu pai não queria que você mudasse a sua vida, a sua mãe não queria, o seu marido não queria, ninguém queria, bem difícil! Eu já era casada, o que ainda piorava a situação. O resultado era muita psicanálise, cinco vezes por semana. Toda jovem dessa geração de classe média fazia. Era regra. E isso vinha também de uma vontade forte de dar um salto existencial, botar fogo no apartamento, como dizia a música. Essa era a vontade maior. O que era muito difícil, principalmente para as mulheres. Os homens não entenderam esse recado. Eu acho que eles nem tentaram. Eles continuaram iguais só que mais politizados, mas eu não vi um, fora alguns artistas como o Caetano [Veloso], que tivesse intenção de mexer no item comportamento. As mulheres em bloco ficaram fascinadas com isso, inclusive porque eram perdedoras. Fecho os olhos e lembro das mulheres de vestido rodado na década de 50. Parece que a urgência de mudança era prioritariamente feminina. Aí fazíamos viagens subjetivas incríveis, experiências terapêuticas estranhas, tomava-se ácido (que na época era terapêutico, usado em algumas salas de terapia), lembra? Recorríamos a várias formas de apoio para uma mudança de paradigma comportamental. O que era exaustivo. Sua família continuava idêntica, os homens também, ninguém se mexia, só você. Era uma força enorme que você tinha que fazer para dar “errado”. Nessa altura eu já tinha dado “certo” na vida e na profissão. Eu já tinha estudado e estava trabalhando exatamente naquilo que o meu pai queria que eu fizesse, e que eu não gosto até hoje. Então até hoje eu fico brigando com a profissão, uma briga eterna.

Escritos – Letras?

HBH – Letras, comunicação, universidade, nada disso era o que eu realmente queria. Na vida também. Estava casada com o marido ideal, tinha três filhos lindos e bem-educados e uma casa do Zanine [José Zanine Caldas] com

uma jaqueira no meio que perfurava o telhado. Chovia muito dentro, muita goteira, mas era uma moldura bela para um quadro igualmente belo. Minha família acreditava nesse quadro. Foi difícil botar fogo no apartamento.

Voltando para o trabalho, sempre dei umas aulas híbridas, com assuntos diferentes do que pediam os programas, um retrato perfeito do meu mal-estar na universidade. Mas eu já tinha uma profissão. Fazer o quê? Estudei letras clássicas porque fui aluna da dona Henriette Amado, uma supermestra no sentido maior do termo. Para mim, uma guru sensacional, uma educadora carismática e sedutora, de quem eu copiava até as roupas. Me lembro que ela tinha uma saia que era assim: um macho e uma preguinha, um macho e uma preguinha. Para eu explicar isso para a costureira foi uma loucura, mas eu tinha que ter uma saia igual à da dona Henriette. Como ela era minha professora de latim e meu pai queria/sonhava em me ver uma intelectual ou professora universitária (não muito arrojada...), fui, pelo menos, estudar letras clássicas.

Depois, viajei para os Estados Unidos com o meu primeiro marido, que ia fazer mestrado, e meu filho Lula, que ainda nem tinha feito um ano. Isso foi em 63, sente a barra. Aí o grego e o latim foram pro brejo, que me perdoe dona Henriette. Em Harvard, nessa época, tinha Joan Baez cantando no Blue Parrot, Janis Joplin passava por lá, vivia-se o impacto da guerra do Vietnã, da morte do Kennedy, de Cuba e de todas as maluquices e baratos dos anos 60. Fui trabalhar no Instituto da América Latina como assistente de pesquisa do Dean Barnes, fiquei fascinada com a América Latina, descobri a política e me apaixonei definitivamente pelo Brasil. Aquele era, na época, um centro de estudos de alta voltagem e eu ficava perplexa, pensando o que ia fazer com meu latim e meu grego. Me descobri brasileira, latina, protagonista e construí minha identidade naquele lugar tão longe.

Quando voltei, me engajei direto com a literatura brasileira. Mas esse “choque político” de Harvard desenhou minha trajetória futura. Voltei em junho de 64 e o terreno estava fértil. Havia uma ressaca por conta do golpe, mas ao mesmo tempo uma festa, uma militância estudantil intensa. Naquele momento a Faculdade de Letras era um sonho. Entrei como assistente do Afrânio Coutinho. Me ofereci. A Faculdade de Letras era tudo o que eu queria do ponto de vista político. Era um galpão na avenida Chile, aberto, e era um fórum permanente, um clima de poder estudantil, um diretório, não uma universidade

como é hoje. Era 64, não era 68. Foram quatro anos de festa. Passava Vladimir Palmeira e paravam as aulas, ia todo mundo conversar, saía da aula, entrava na aula. Professor e aluno se confundiam de uma maneira absurda. Caí no lugar certo. Se não fosse assim, eu teria mudado de profissão certamente.

Escritos – A orientação intelectual era Marx?

HBH – Só Marx, mais ninguém. Era o único. E como a minha área era literatura, Lukács reinava. Gramsci veio mais tarde. O Benjamin também não era ainda o *ethos* do momento, que era de quebrar tudo, sem conversa. Éramos de uma ingenuidade linda. Talvez não fosse ingenuidade, era exatamente o que o momento precisava.

Escritos – O Afrânio Coutinho é outra história, não é? Não é da mesma tribo.

HBH – Mas aquela época era tão intensa que o Afrânio achava graça nos estudantes. Ele vira outra tribo muito depois. Inclusive foi valente, porque uma vez a polícia invadiu a universidade, ele era o diretor, foi para a porta e disse: “Eu não admito. Aqui não entra”. E foi todo mundo embora. Em 64, ninguém ali era muito contra o que estava acontecendo. Depois de 68 é que o panorama muda completamente, mas até lá essa paixão intelectual colou. Foi o momento mais eufórico da cultura, de 64 a 68.

Em 68, a barra pesou. Houve um esvaziamento e um silenciamento radical na universidade. Recebíamos uma lista de livros e autores que não podiam ser citados. Eram muitos. Se fosse só Marx e Lukács, seria mais fácil, mas não. Era uma lista grande, inexplicável. Outro problema grande é que sabíamos que na sala sempre tinha um informante. Você dava aula sabendo que estava correndo perigo. Os professores se aproveitaram muito para dedar injustamente um ao outro, por rivalidade, inimizade, mau humor, essa coisa idiossincrática dos intelectuais. Era um ambiente de paranoia diária. Perdemos nossos interlocutores. Artistas, intelectuais, estudantes viajaram, foram embora ou, pior, sumiram. Foi nesse momento que eu comeci a perceber a força da cultura marginal.

A contracultura no Brasil assumiu cores diferentes da dos EUA, porque estávamos numa ditadura e a função que ela cumpriu aqui foi bastante específica do momento político. De qualquer forma, a contracultura norte-ameri-

cana tinha suas nuances. Havia os *yippies*, como o [Alan] Ginzburg e outros, que enfrentavam, ou melhor, confrontavam o sistema. A meta era a mesma, a de mudar o sistema, mas os *yippies* faziam isso de forma aberta e agressiva. E havia os *hippies*, também contra o sistema, mas que não confrontavam; ao contrário, saíam fora do sistema, *drop out*, como diziam. A ideia era de construir uma sociedade exemplar, que serviria de modelo para o capitalismo da época. Apostavam na falência do capitalismo. Nossa contracultura tem um pouco das duas. Digamos que nossa contracultura chega com o Tropicalismo e seus desenvolvimentos posteriores. Ora, o contexto desse momento era o de um território dominado, censurado, que é tudo o que a contracultura rejeitaria. A contracultura americana se desenvolveu abertamente, uma boa parte foi até apropriada pelo mercado, seu inimigo número 1. Aqui não, ela foi subterrânea. O movimento negro segurou um tempo. O movimento de mulheres não pôde defender a agenda de liberdade sexual, aborto, etc., bandeiras que estavam sendo levantadas internacionalmente. E isso por uma razão estratégica muito interessante. Enquanto oposição à ditadura, o feminismo tinha como parceiro a Igreja, uma das poucas instituições que abrigavam nossa oposição. Resultado: para não ir contra a Igreja, as mulheres abriram mão de suas demandas políticas de natureza pessoal. Focaram durante um tempo extenso demais em saúde, trabalho, saúde, trabalho. O feminismo engasgou na época da ditadura e teve que se reestruturar, como aliás todas as nossas demandas de minorias. Foi esse tempo que eu estudei, um tempo bonito.

Escritos – A poesia aparece porque ninguém estava dando bola para ela?

HBH – Ninguém estava dando bola para coisa pequena. As artes públicas é que eram o lugar da censura. O pequeno mercado que a poesia tinha, nesse quadro, foi acionado positivamente e a poesia floresceu ágil e interessantíssima na nossa contracultura.

Escritos – Por que poesia? Essa coisa recorrente, que vem e que volta? Em *Escolhas*, você diz, “Poesia, porque eu gosto de poesia, sempre gostei de poesia, eu leio poesia”.

HBH – Desde o começo, é verdade. Não sei bem por quê. Sou uma pessoa visual, basicamente. Minha inteligência é visual, e acho que a linguagem do espaço, da visualidade, determina muito a produtividade e a criatividade. É por

isso que sempre venho para espaços bonitos, olha aqui. [Apontando para sua sala no MAR.] Para mim, poesia é visceralmente uma linguagem visual. Eu olho uma poesia, não leio uma poesia. Demoro para ler. Releio muito. Adoro poesia. Minha percepção do mundo e a forma de expressão com a qual me sinto mais confortável também é a visual. Inclusive, eu falo por exposições, faço uma exposição atrás da outra. Já fiz cinema, vídeo, volta e meia escapulo para fazer, pelo amor de Deus!, uma coisa que seja visual. Da literatura, do que eu tinha em mãos, a coisa mais visual é a poesia. Não aguento um romance deste tamanho. Esqueço o personagem na décima página.

Escritos – Não tem também uma crença de que a poesia tem poder de intervenção social, político? Por que ela volta o tempo todo?

HBH – Tem, tem. Ela volta o tempo todo. Hoje, o carro-chefe da periferia é a poesia. Lá na Cooperifa [Cooperativa Cultural da Periferia], em São Paulo, tem quatrocentas pessoas por semana recitando poesia na favela. É impressionante. Até porque poesia tem uma coisa de solidão, mas também tem um lado agregador muito forte. Poesia tem uma função, sim. No começo era a poesia.

Escritos – Tem a ver com o *rap*?

HBH – Tem tudo a ver. É poesia falada. Por isso, nos saraus, os *rappers* criaram uma forma de declamar o *rap* sem a batida, sem o som, assumindo seu potencial como poesia. É lindo. Fiquei doida vendo, em São Paulo, o Gog [Genival Oliveira Gonçalves], por exemplo, praticando o *rap* falado. Como ele é um poeta nato, foi incrível. O *rap* é uma poesia sempre muito indignada, e os *rappers* são craques em explorar a força de suas vozes. É uma poesia rouca, intensa. Não consigo ainda afirmar o alcance político dessa poesia, a não ser de formas muito específicas na formação de leitores, na formação cidadã, na educação. Mas como uma pistola, como quer Mano Brown.... Você tem toda a razão, ela volta, ela volta, ela volta... e não muda muito. Muda a forma, o projeto, a circunstância, mas acho que a poesia cumpre sempre o mesmo destino. Enquanto que a ficção, não: desde sua origem na épica, a mudança é de natureza substancial, estrutural mesmo.

Escritos – Os poetas da periferia e Chico [Francisco] Alvim, o que têm a ver? Existem espaços diferenciados?

HBH – Espaços totalmente diferenciados. O Chico Alvim trabalha a poesia de função literária. É muito político, tem uma escuta fortíssima, é um radar captando problemas e questões políticas e sociais. Um radar vivo. Com aquela leveza bela, que só o Chico tem, ele vai captando sinais e você percebe que a barra é pesada. Mas a poesia dele não é diretamente ativista como a da periferia. Os escritores da periferia se chamam de artistas-cidadãos. Têm um compromisso de formação de leitores. Organizam saraus quase rituais de congregação em torno da palavra. Têm como missão levar a poesia às escolas municipais. E os alunos adoram. Eu tenho filmes com esses poetas indo à escola e falando poesia. Os molequinhos, que não prestam atenção em nada, param e ouvem poesia, encantados. É uma poesia muito próxima deles. Depois, eles partem para as oficinas, mandam todo mundo escrever o que achou ou desenhar o que sentiu. O importante é criar/formar leitores. Eles têm um forte compromisso de transformação do lugar, do seu entorno, através da formação de leitores. Quando os poetas se tornam conhecidos não abandonam a periferia. Ao contrário, passam a organizar eventos literários e bibliotecas comunitárias. Não desvinculam o ato criativo do ato ativo. Proativo. Não há distância entre a criação e a ação. Enquanto que o Chico, por mais cidadã que seja a sua poesia (e é!), não tem um projeto político de intervenção direta.

Escritos – Como é que se forma um crítico literário?

HBH – Olha, eu não sou crítica literária. Acho que nunca fui. Sou crítica de cultura. Minha questão sempre foi a cultura. Só que a poesia, além de me encantar, é um precioso e poderoso instrumento cultural. Meu trabalho é com tendências culturais ou, melhor dizendo, microtendências, expressões culturais ainda não formalizadas ou institucionalizadas. Se eu fosse crítica literária chamaria isso de literatura menor. Como não sou...

Escritos – Por isso a rejeição na época dos *26 poetas hoje*?

HBH – Sim. O trabalho com *26 poetas* já era cultural, porque estava relacionado com a ditadura. “Quem são esses que estão falando tanto apesar da

ditadura?” Eu estava mais preocupada com isso e com o formato comportamental daquela poesia do que com o propriamente específico literário. A rejeição grande que nós vemos hoje em relação à literatura da periferia é igualzinha. “Não é literatura, vai passar, é uma moda.” O 26 na época levou muita porrada. Hoje é adotado no vestibular. Meus poetas que iam passar viraram cânone. A crítica literária precisa de um *gap* de tempo para poder afinar seus instrumentos, que são importantes, para a análise dos novos fenômenos. Mas eu adoro o risco. Não vou esperar, vai desafinado mesmo. Estou mais interessada em cultura do que em literatura. A literatura é uma paixão à qual me dedico fora do trabalho.

Escritos – Você estava percebendo os tais “sinais de turbulência” que deram nas manifestações de junho?

HBH – Não. Foi uma coisa que a gente estava sabendo, mas não estava prevendo, se é que isso pode existir. Uma das coisas previsíveis era a força da internet, que ainda não tinha se mostrado com a evidência de junho. A internet é o *locus* mais perfeito para a criação de comunidades de interesse. Grupos de interesse são fortes, sempre. Milhares de pessoas ficam no *Facebook* discutindo corrupção, pastor Marcos, o mensalão, e as questões vão esquentando. Hoje os grupos de interesse não são mais fixos, em torno de grupos específicos como os grupos sociais. A internet permite comunidades com questões e opiniões mais difusas em torno de um mesmo sentimento de insatisfação. As pessoas se identificam e grudam ali. Aquela multidão das ruas de junho já estava na internet, pulsando, há tempos. Gosto demais de ler o [Alain] Touraine já há alguns anos, porque ele responde a muitas das minhas perguntas. Um dos conceitos dele que mais me interessa é o de sujeito social. É diferente do sujeito político, que trabalha a partir de um modelo representativo e é uma coletividade que, junta, quer manter ou desbancar o poder, digamos. O sujeito social é diferente: a demanda é individual. Nas ruas, tinha gente que queria transporte, gente que queria saúde, que queria coisa mais individual ainda, tinha coisas incríveis sendo pedidas ali. Uma gama enorme de direitos. Antes seria assim: a greve dos transportes, a greve da saúde; agora não, os temas são espalhados. Por outro lado, o sujeito social sempre fala do ponto de vista dos direitos fundamentais, que é o que a gente viu na rua. O sujeito social é profundamente político e profundamente novo. Juntar esse novo *ethos* com a potência de aglutinação da internet dá nisso.

Escritos – Há uma certa crise da democracia neste momento, no espírito dessas pessoas?

HBH – Eu acho que sim. Da democracia representativa, certamente. Eles inclusive não atacam o governo. Têm uma demanda. Quem vai resolver, não interessa. “Se a senhora não resolver, dona Dilma [Rousseff], muda.” Mas não é nada contra a presidenta. Isso é interessante. Ou começa a trabalhar direitinho ou não vai dar certo. Não vai dar mais para fazer só política partidária, porque esses partidos vão ter que responder a isso, à realidade social brasileira.

Escritos – E como vai ser feito?

HBH – Não sei, mas tem que fazer rápido. Resolvia temporariamente pelo menos se começasse pela transparência, que é o mais fácil. Porque dar um jeito na educação, na saúde, leva um tempo. Mas dar um jeito na corrupção pode ser mais rápido, e não está acontecendo. Transparência em tudo.

Escritos – O que aparece como novo em política? Marina [Silva]? O ambientalismo? Como conectar com aquele momento da crítica cultural dos anos 70, o Tropicalismo, a chegada do [Fernando] Gabeira?

HBH – Agora é outra coisa, agora é mais real. Mas acho que tem a ver.

Escritos – Um certo grupo de esquerda acha que a Marina é a face nova da direita.

HBH – Eu não sei o que acho, ainda. Olhando para ela me vem como uma poesia. Poética ela é. Inteligente ela é. Esclarecida também. Íntegra, parece. Mas temos que esperar um pouco para ver como ela vai se movimentar. O problema é que ela tem um compromisso religioso forte com os evangélicos. Isso é um complicador. Sua variável evangélica pode limitá-la em algumas coisas, mas ela é muito moderna, sua visão política é muito contemporânea. Mas “a nova face da direita”, não faz sentido para mim.

Escritos – Como foi a volta do Gabeira?

HBH – Foi uma experiência única. Eu fiz a primeira entrevista com ele, quando ele chegou do exílio. Está num livro chamado *Patrulhas ideológicas*. Ele

marcou um encontro para eu apanhá-lo numa esquina. Eu não entendi, parecia conversa de aparelho. Mas foi uma puta entrevista, foi lindo. Ele contando sua trajetória lá fora. O Gabeira é um intelectual íntegro, isso é a sua marca. Tanto que tem dificuldade de se filiar a partidos. Ele entra e sai. Acho interessantíssimo o desconforto dele com os partidos.

Escritos – O que é a Universidade das Quebradas?

HBH – A Universidade das Quebradas é um fim de linha, um fim de linha lindo. Desde lá de trás, do CPC [Centro Popular de Cultura, da União Nacional dos Estudantes – UNE], venho vindo sempre como uma intelectual ligada no momento, não tenho muitas ideias prévias na cabeça. Procuro responder e intervir no momento. Como intelectual dos anos 60, fui missionária, pedagógica. Ia à favela levar opiniões, cultura. Foi muito bonito esse momento e gerou um sentimento forte de compromisso social nessa geração. Olha o Cacá [Diegues], o Nelson [Pereira dos Santos], o Caetano [Velo]. Todos com essa vontade de mudar, com uma solidariedade generosa, marca desses intelectuais. Isso era típico dos anos 60. Naquela hora, era muito bom, ainda que levemente ingênuo. Mas esse projeto intelectual foi abortado. Teria certamente um ajuste de caminhos que nunca houve por conta do golpe. Não dá para saber como seria o desenvolvimento futuro do anteprojecto do CPC se não tivesse havido o golpe, mas, pelo menos naquela hora, coisas incríveis foram gestadas. Tem por exemplo o poema do Ferreira Gullar, que eu adoro, “João Boa Morte, cabra marcado para morrer”. O poema, em forma de cordel, era um panfletão contra a exploração do trabalho no campo e uma exortação à entrada nas ligas camponesas, totalmente de acordo com o tom de época. Mas consegue ser lindo, assim mesmo. É de uma beleza absurda. Não tinha a menor chance de ser bom, mas é. Por outro lado o [Oscar] Niemeyer também arriscou uns poemas no CPC, tipo o biquíni da madame não é igual ao avental da empregada, mas aí eu diria que seria melhor ele voltar para a prancheta.

Nos anos 60, o intelectual tinha uma missão revolucionária. Nos anos 80, a ideia missionária já não fazia mais muito sentido, pelo menos operacional. É a época das ONGs, em que o intelectual se reposiciona, começa a negociar. A ONG não ensina nada a ninguém, ela intermedeia. Fala em nome da saúde

reprodutiva com as políticas de saúde do governo, em nome das crianças que trabalham, da violência contra negros e mulheres, educação, etc., etc. Consegue algumas coisas, mas fundamentalmente é um intermediário. Nesse momento minha militância teórica e ativista foi com o feminismo. Trabalhei mais de 15 anos com as mulheres.

Em 1993, organizei um seminário chamado “Sinais de turbulência”, porque percebi que a coisa ia mudar. A periferia começava a entrar na cena cultural da cidade. O pobre havia ganhado voz. Coloquei o [DJ] Marlboro numa mesa com a professora da NYU [New York University], a Tricia Rose, de performance. Foi uma revelação. O [José] Júnior estava presente, ainda não existia o AfroReggae. Foi logo depois do massacre da Candelária e o de Vigário Geral, que foi quando começaram os intelectuais a subir o morro. Zuenir [Ventura], Regina Casé, Caetano Veloso, Waly Salomão. Retomou-se o contato, que havia sido interrompido, entre o “povo” e os intelectuais. Voltou com um novo formato, não mais uma relação pedagógica, nem de intermediários, mas uma relação de caráter solidário. Os artistas indo para a periferia e para as favelas, ouvindo e ajudando a criar soluções culturais. Foi bem bacana esse momento. Fiz esse seminário e comecei a trabalhar com a periferia. Comecei a estudar *funk*, *rap*, ir aos lugares, participar, me aproximar, e percebi claramente a distância entre esse novo momento e aquele dos anos 60. Em 93, já tem o Nós do Morro, que é uma potência. Você chega lá e não dá para “conscientizar”, catequizar para promover a causa revolucionária. É diferente. Passar conhecimento, na boa, todo mundo gosta, favelado ou rico. Mas passar um conhecimento e uma causa muda muito o quadro.

Hoje, você chega numa comunidade e fica claro que todos sabem exatamente o que querem. Os periféricos tornaram-se políglotas, falam a língua da mídia, a língua do mercado, a língua do Estado e a língua local, o seu CEP, como eles dizem. O CEP é menos que um bairro, é o entorno do morador. Eles usam cada uma dessas línguas em função da situação. Se chegarem aqui nas Quebradas, falam a língua do CEP, porque é o que vai colar. Se chegarem no MinC, vão falar a língua do MinC. Se chegarem na TV Globo, eles têm uma ideia espetacular, fantástica. Já viu o MV Bill na TV Globo, o Júnior na televisão? E não é só o Júnior, são muitos outros, como o Anderson [Quack], que é uma pessoa incrível. Agora está coordenando a Cufa [Central Única das Favelas]. O Quack está

substituindo o Celso Athayde, tem um programa de TV com o Lázaro Ramos, e ainda é ator. O Quack e tantos outros são autênticos intelectuais. E agora, o intelectual vai fazer o quê nas comunidades? Não faz sentido passar uma causa, não faz sentido mediar. Sobra o quê?

Não sobrou uma posição fácil. Me situei como parceira, uma agente de troca. Em primeiro lugar, fiz um teste pequeno. O que eu tenho para dar? Conhecimento. O que eu quero de volta? Conhecimento. Comecei a trabalhar isso clandestinamente nos cursos de pós-graduação da época. Pedi ao Júnior para indicar cinco caras bacanas do AfroReggae, que tivessem potencial para ocupar o lugar dele no futuro, pedi cinco para o Nós do Morro e cinco a Carmen Luz. Essas pessoas eram as mais próximas de mim. Me indicaram alunos que fossem intelectuais. O meu curso de pós sempre foi um curso mentiroso, sempre misturei extraoficialmente a graduação e a pós-graduação, sempre apostei na mistura, que se revelou muito rica. A graduação traz a novidade, a informação, e a pós traz um conhecimento mais consolidado. Nesse baú, que já era clandestino, introduzi os artistas e intelectuais de comunidades. Dei os primeiros cursos nesse formato com a Ilana [Strozenberg]. O Nós do Morro, o AfroReggae e a Carmen Luz me indicaram alunos e foi incrível. Eu temia que os meninos fossem ficar oprimidos. Mas não. Eles mostraram seu próprio saber sem timidez. A garotada da graduação toda interessada em *funk*, *rap*, mas não sabiam muito a respeito. Tinha até um policial cultíssimo que foi genial! O povo da pós-graduação começava a falar, ele dizia assim: “Ah, mas não é nada disso!” Foram de uma riqueza enorme, esses cursinhos clandestinos. Os garotos ganhavam extensão, a pós ganhava crédito de pós e a graduação ganhava crédito de graduação. Fiz essa experiência durante uns três, quatro anos, esses cursos híbridos. E deram muito certo. Todos tinham voz. Magicamente todo mundo falava. Ninguém tinha medo do outro.

Aí, eu tinha uma orientanda, a Numa [Ciro], fazendo tese sobre poesia, sobre *rap*, Mano Brown. “A voz das quebradas”. Ela começou a fazer entrevistas para seu trabalho de campo e sacou que uma forma de retribuir seria dando aulas de leitura para eles na sua casa. Eu falei: “Numa, o lugar desses caras não é na sua casa, vamos fazer a Universidade das Quebradas. Vamos formalizar o que estou testando nos cursos e está dando certo”. Aí, fizemos juntas a Universidade das Quebradas.

Primeiro, um ano de piloto. Chamamos, a convite, o povo [da comunidade] de Santa Marta, porque a Numa estava muito inserida nesse meio. A gente

sabia quem chamar. Chamamos também uns professores da UFRJ e começamos a testar um modelo de troca. No começo foi um susto atrás do outro. Chamamos, por exemplo, um professor especializado em cordel. A plateia tinha vários *rappers*. Acontece que logo percebemos que *rapper* tem horror a cordel, e cordelista, horror a *rap*. Eu não tinha a mínima ideia disso. O *rap* acha o cordel reacionário... e ele pode ser. E o cordel acha o outro escrachado... e ele pode ser. Foi um embate lindo que, se eu tivesse filmado, seria uma peça acadêmica de primeira categoria. Em volta, todo mundo apalermado, porque em princípio a academia sugere que os *rappers* são filhotes do cordel! Que a poesia oral vem do Nordeste. Mas na hora que um falou e o outro falou, pá pum, deu zebra. Tiveram momentos inacreditáveis de produção de conhecimento.

Fizemos esse ano de piloto e resolvemos formalizar. Consegui um apoio da Petrobras, chamei umas pessoas de fora, a Beá Meira, por exemplo, que é a coordenadora pedagógica. É uma arquiteta e professora de artes, que é o eixo de equilíbrio das Quebradas. Todo ano, ela é paraninfa. Tem a Numa e eu. Num primeiro momento, só nós. A Petrobras foi necessária porque um projeto desse, com o porte que queríamos, tem custo. Tem lanche, convites interestaduais, produção, etc. Além disso, temos que prestar contas, entrar na lei, o que fez com que acabássemos tendo uma equipe de trabalho paga. A Petrobras cobriu e a gente fez a primeira Quebradas, já estruturada diferente. Nós temos um pós-doutorado no PACC [Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ] e lançamos para a Universidade das Quebradas um edital idêntico ao do pós-doutorado; só que, em vez de xerox do certificado de doutor, pedimos um portfólio. O resto é igual: carta de recomendação, carta para dizer por que se interessa por aquilo, currículo, tudo, menos o diploma de doutor, que a escolaridade não interessa para as Quebradas. Tem o portfólio do que você faz. É eliminatória essa fase. Depois, a gente entrevista para ver quem é parceiro, quem pode trocar com você. Porque você está escolhendo um parceiro, não um aluno. Do terceiro ano em diante, a entrevista é feita pelos próprios quebradeiros.

O edital é difícil, aceita menos do que 50% da demanda. O que interessa é a articulação entre nós. Aliás, de uma forma mais geral, podemos dizer que hoje o importante não é mais a invenção. A invenção se dá na articulação. Você inventa uma articulação. A novidade é a costura que você consegue fazer. Antigamente, você detinha a informação. Especialista em Machado de Assis, só ele sabia aquilo. Você tinha que viajar para pesquisar, ir a acervos particulares, exami-

nar arquivos, papéis, para poder pesquisar. Hoje isso tudo está na internet. O especialista perdeu muito a sua função. O que você precisa agora é saber o que você faz com a informação, o que vai inventar com aquilo. Por isso essa ideia da parceria, da articulação entre saberes, fica cada vez mais importante no trabalho das Quebradas. A gente é parceiro em absolutamente tudo. Eles saem e a gente dá uma bolsa chamada Mestre Quebradeiro. Eles voltam para cuidar dos novos. É muito lindo esse projeto.

Escritos – Eles têm que ter graduação?

HBH – Não. O nível do curso é de graduação. No segundo semestre do ano passado, uma nova coordenação do Fórum [de Ciência e Cultura da UFRJ], onde estávamos desde o começo, não permitiu nossa continuidade lá. O que foi triste, mas não foi ruim, porque tivemos dois convites excelentes para sediar as Quebradas. A Letras nos acolheu de braços abertos e o Paulo Herkenhoff, diretor daqui [do MAR], que tem uma política muito parecida com as Quebradas, também nos convidou. Viemos para cá e também para a Letras.

A vinda para o MAR foi incrível pela identificação entre as políticas dos dois projetos: o das Quebradas e o da Escola do Olhar. Paulo sempre repete que o MAR é um museu suburbano. O *blockbuster* é a educação. O projeto do Paulo para o MAR é impressionante. Desde os temas das exposições até a abertura do museu para todos os cariocas, tudo aqui é novo e revolucionário. Ele está discutindo a cidade e abrigando a cidade ao mesmo tempo. Quando houve a saída das Quebradas do Fórum, o Paulo socorreu nosso projeto imediatamente: “Traz para cá, Heloisa. Traz para cá, porque tem tudo a ver”. Aí, a gente veio. O que incorporou uma terceira perna na Universidade das Quebradas, que é a do museu. Os curadores vêm dar aula, os quebradeiros servem como assistentes de curadoria, como assistentes de produção. Agora, a gente tem uma troca tripla: é o universo da arte – o museu –, o universo acadêmico e o universo cultural das comunidades cariocas.

Os quebradeiros mostram como as periferias estão carentes de novos repertórios. A demanda é altíssima para a inscrição. São só 70 vagas. Temos, infelizmente, que eliminar muita gente. São só artistas que falam muito bem, trabalham muito bem, mas precisam de um aumento de repertório. Os quebradeiros são pessoas que já trabalham, que já têm um projeto, que já têm a sua banda ou o que for.

Em princípio, a aula tem meia hora e uma hora e meia de discussão e troca. Depois, eles apresentam o que chamamos de Território das Quebradas, que é um seminário onde eles é que dão aula para a gente. O que é a estética da periferia, o que é... A aula de violência foi uma lou-cu-ra! Eu deveria ter chamado o Luiz Eduardo [Soares], que aliás está no nosso Conselho. Sílvia Ramos, também, que é dez. As aulas também têm a ver com as exposições do MAR. Há uma integração muito produtiva com o Museu. Na Letras, onde estamos agora abrindo a primeira Universidade das Quebradas, o foco vai ser as ciências humanas, o teatro e a literatura. Deixamos o curso do MAR para as culturas visuais. Para ter certificado da UFRJ, eles têm que ter feito os dois módulos. Em ambos, a discussão é baseada no sistema de troca e respeito por uma ecologia de saberes.

A Beá [Beatriz Resende] agora vai criar no PACC... O PACC, coordenado por mim desde 1994, é um programa de pós-doutorado, onde as pessoas vêm para discutir e trocar as suas pesquisas. A gente se encontra mensalmente e tem doutores do país todo, procurando um espaço de interlocução crítica. A Universidade das Quebradas é um laboratório de pesquisa e ação do PACC. A Beá agora está criando o Polo Literário, que tem um pouco a mesma metodologia das Quebradas: juntar escritores com professores, para ver se estabelece essa troca. A ideia do PACC é criar um ambiente de convivência, o que não é fácil. Aceitar o saber do outro não é mole! Você escorrega para cá, escorrega para lá. E tem que ir retificando. É um laboratório, muito complicado, muito lindo, mas difícilimo, não tenha dúvida. Nas Quebradas, o programa a cada ano é diferente, porque você tem que ouvir e refazer as sintonias. Eu me sinto como um DJ metodológico. Você coloca aqui uma voz, aí vem um professor, vem outro professor, você bota ele rouco, faz um *scratch*... Só mesmo um DJ para dar conta da tradução cultural, a coisa mais importante neste momento em que as diferenças já estão falando alto.

Escritos – Quanto tempo tem?

HBH – Nas Quebradas, é o quinto ano, mas na realidade esse projeto tem vinte. Desde que fiz “Sinais de turbulência” que estou perplexa, pensando o que fazer com as comunidades.

Escritos – Qual é o pensador que hoje melhor compreende os novos campos?

HBH – O [Arjun] Appadurai, o Touraine... são os que eu leio. Tem o [Giorgio] Agamben, mas ele é mais filosófico e eu não sou boa leitora de filosofia. Tenho uma dificuldade enorme com abstração. Eu leio Boaventura [de Sousa Santos] também. Ele é muito midiático, um pouco *light*, mas é instigante, apaixonado, te empurra para pensar, para trabalhar, fazer. O Touraine está tratando desses problemas das novas formas de fazer política hoje com muito carinho. O Appadurai também: a questão da cidade, da violência, das minorias. Ele tem um livro chamado *Fear of small numbers (Medo dos pequenos números)*, que li várias vezes. Medo das minorias. De onde vem esse medo tão difuso e difundido hoje?

Escritos – E na literatura?

HBH – Eu leio os novos, às vezes. Gosto muito das mulheres. Gosto da Andrea del Fuego, acabei de ler o livro da Verônica Stigger, que amei. O nome, não sei lhe dizer, que é em polonês. Fui procurar no Google Translate. Um livro brasileiro com nome em polonês é pura maravilha, não é? Significa “descobrimo o mundo”, uma coisa assim. É a história de um viajante, meio paródia de Raul Bopp, meio *Macunaíma*, mas muito contemporâneo, através de carta, bilhete... tem de tudo naquele livro. Eu leio muito mulher. Tenho mania. Adoro as poetar, Cláudia Roquette[-Pinto], Bruna Beber, Angélica Freitas, Alice Sant’Anna, Marília [Garcia]...

Escritos – E o feminismo, hoje?

HBH – O feminismo hoje tem uma outra dicção. Acho difícil aquela dicção antiga, apesar de reconhecer que muitos dos antigos problemas não foram resolvidos. Quem tem uma coisa que acho corretíssima é a Rosiska [Darcy de Oliveira]. Ela chama de engenharia do tempo. Você já conquistou vários lugares públicos, já temos representatividade razoável na política, mas o tempo da mulher é escravizante. Eu hoje saí de casa às oito e meia, comprei um peixe, liguei para o neto que estava doente e vim trabalhar. É escravizante, porque você não tem um tempo doméstico distribuído justamente. A nova dicção é a das mulheres jovens que estão praticando o feminismo sem que seja uma causa.

É o sujeito social feminino, são demandas pessoais que estão sendo levadas com muito vigor. Eu olho para baixo, vejo as minhas noras, a minha própria neta de 15 anos. Ela tem uma segurança, uma absorção tão interessante do poder feminino. Ela tira isso com uma desenvoltura tão grande. Só que adapta às suas demandas. É a diferença do sujeito político e do sujeito social. O que está acontecendo com o feminismo é que as mulheres não arrefeceram, estão trabalhando inovações comportamentais e profissionais interessantes. Uma justa engenharia do tempo, como diz Rosiska, é que continua interdita. Talvez, com essa lei das empregadas [lei sobre o trabalho doméstico, de 2013] melhore um pouco, porque vai abolir a escravidão das empregadas e a mulher [de classe média] vai ter uma primeira chance de reestruturar seu tempo de forma mais justa e racional. Vamos ver o que vai acontecer.

Escritos – A internet e as mídias digitais ocupam hoje o espaço do cinema como formadores de estéticas visuais?

HBH – Ainda não. O que já está claro é o lugar que a internet e as mídias sociais ocupam na arena política. Está também clara sua potência na veiculação do cinema. A internet abriu um mercado significativo para o filme antigo. É só clicar. Netflix, Apple TV... Sem dúvida potencializa o cinema. Agora, a pergunta é sobre estética. Não sei bem se é a internet, talvez as mídias digitais. A internet vai promover um cinema interativo, participativo, mas ainda está muito no começo disso.

Ontem, vi o filme do Homem Aranha com meu neto e tenho que reconhecer que aquela é uma estética digital.¹ Os recursos de pós-produção e de filmagem se consolidaram no *Avatar*, por exemplo, fazendo com que seja um cinema híbrido, resultado da reunião de várias artes, como o *design*, o cinema, a arquitetura, as artes da criação de *softwares*. São investimentos muito altos nesses grandes *blockbusters*, mas têm se comprovado, na maior parte das vezes, rentáveis. Ou seja, é o universo estético e narrativo com os quais as novas gerações se identificam. Não sei se é *gap* geracional, mas o que eu sinto é que o 3-D ainda não disse muito a que veio. A necessidade dos óculos mostra como ainda está Tateando. De qualquer forma, o uso do 3-D faz muito sentido em *Avatar*, porque o filme já está em outro universo estético, mas no *Gatsby* achei

¹ Comentário introduzido por HBH na revisão da entrevista, em maio de 2014.

um pouco supérfluo, uma pura demonstração de efeito. Aquela história não foi escrita para esses novos procedimentos. Teria que ter sido muito adaptada com a criação de novos universos narrativos e geográficos, etc., etc. Quando a tecnologia é puramente efeito, fica um pouco ridículo, sem função real.

Escritos – E o livro eletrônico, vai matar o livro?

HBH – O livro eletrônico aumentou o índice de leitura barbaramente. O livro-livro vai ser um objeto. É a mesma coisa do cinema com o teatro, cinema com fotografia. Essa história é muito antiga. Tem uma coisa do [Umberto] Eco que eu adoro. Ele diz que quando apareceu o livro impresso foi um drama, porque os intelectuais, os cientistas diziam que o homem ia perder a memória, porque com tudo escrito você não precisava mais oralizar, recitar, decorar as coisas para passar adiante. Essa passagem é sempre muito traumática. O livro está se transformando dia a dia num objeto mais bonito. O livro de referência acabou. Você comprava uma *Enciclopédia britânica*, ela estava desatualizada em um ano. Se você assinar uma *Enciclopédia britânica on-line*, ela vai se atualizar diariamente. Então, não tem conversa. Aliás, você não vai para a enciclopédia, vai para o Wikipédia, que é mais rápido.

O livro de papel vai ganhar uma outra função, como ganhou a pintura, que ficou abstrata quando apareceu a fotografia. Ela pôde ficar abstrata. O cinema pôde ficar cinema de autor quando apareceu a televisão. Se você prestar atenção, o salto para a liberdade estética de todas essas formas de arte se dá na mesma data em que surge uma nova tecnologia para ser suporte da expressão criativa. O livro vai virar um objeto fantástico. O livro vai ser um livro. O que não é hoje. Hoje, ele é um canal de informação, é um suporte. Pode ser um dicionário, receita, qualquer coisa. Para que um livro de receita, se você tem o *Youtube*, que mostra com imagem e movimento como o chefe faz a receita? Mas eu continuo comprando os livros de culinária porque estão cada dia mais lindos, não estão? Vejo assim: a informação migra para o suporte digital e o livro ganha a liberdade de se reinventar.

Fazer um livro é a coisa melhor do mundo. Eu tenho uma editora, que não me sustenta, nem dá lucro. Mas eu amo fazer livros assim mesmo. É um prazer absurdo. Eu estou lançando agora o livro do Gringo Cardia, que é trabalhado página por página. Não é sobre ele, é sobre um evento – o Rio Occupation London, uma intervenção artística nas Olimpíadas de Londres. Uma produção

desse tipo é um fazer gráfico que não acaba, uma viagem. Isso você não pode fazer no eletrônico. Até agora, pelo menos, o suporte digital do *e-book* é um suporte para o texto, para a informação. É uma outra relação, que também pode ser outra viagem, mas é outra coisa. A delícia gráfica vai ficar de herança para o livro-livro. E a informação vai para o digital. O livro *Cinquenta tons de cinza*: tem sentido você comprar? Não tem sentido. Baixa.

Escritos – As ciências humanas descobriram o sentimento, a sensibilidade, a emoção. Isso é um sinal de feminilização das ciências?

HBH – Acho que é o progresso da ciência. Tem o [Jacques] Lacan: a mulher não existe. É assim que começa a conversa. E acho que ele está certo. Não é bem uma feminilização. Acho que é uma posição. A mulher é um lugar. A ciência está chegando mais perto desse lugar, que é muito sutil, delicado, emocional, digamos. A ciência está mudando seu lugar de fala para um lugar tradicionalmente associado ao feminino. Devo estar sendo feminista demais, mas a migração para as teorias do caos, o trabalho com os fractais, com o aleatório me soam como feminização. Nesse quadro, e com o avanço da neurociência, a emoção passa a ser um objeto científico. Inteligência emocional e outras noções em voga para o mundo empresarial, também. O lugar da emoção hoje é das ciências exatas e não só das humanas.

Por exemplo, precisei, para avaliar a Universidade das Quebradas, de um diagnóstico preciso. Os índices que temos para a avaliação do impacto de projetos culturais são sempre muito limitados. Então, eu descobri que na Coppe (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da UFRJ) a engenharia está desenvolvendo um sistema de avaliação, o *fuzzy* [*fuzzy logic* ou lógica difusa]. Eles interpretam, localizam as emoções e medem seu impacto nos resultados obtidos. Não pelos indicadores que a gente utiliza geralmente como emprego, renda, mobilidade. A emoção torna-se um indicador de precisão. Achei incrível. Até agora era praticamente impossível medir cultura. Sempre os censos tiveram esse grilo. O Lattes [banco de currículos mantido pelo CNPq], por exemplo, não prevê nem a metade das coisas que eu faço, nem dos resultados que busco. Para fazer meu currículo tenho que me adaptar a critérios que não contemplam a área de cultura na qual me insiro. Então é complicado.